



## “TRANSLER” O AMBIENTE ESCOLAR: A FOTOGRAFIA NA VISÃO DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

PALAVRAS-CHAVE: Escola- Educação Infantil- Cultura Visual - Fotografia

Autora: **OLIVEIRA, Elisabeth P.**<sup>1</sup>  
Orientadora: **MEIRA, Mirela R.**<sup>2</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade investigar e compreender as visões de mundo de uma turma de alunos da Escola Municipal de Educação Infantil *Cassiano Ricardo*, em Pelotas, RS, através da fotografia.

A opção pela fotografia justifica-se na formação em Artes Visuais, onde aprendi com a Fotografia a apreciá-la e a utilizá-la como ferramenta, em meus trabalhos. Todavia, o elemento preponderante foi que me permitirá saber mais - de forma concreta e sintética, como é próprio da imagem - das concepções das crianças acerca do espaço escolar que freqüentam. Enquanto ferramenta poderosa que as auxilie a expressar seus sentimentos, pensamentos e emoções rumo à experiência estética – forma singular de construção de conhecimentos em arte – poderá propiciar uma cognição alargada pela sensibilidade. Reitera-se sua importância em face da escolarização inicial dar-se nessa primeira etapa do processo *escolar* pelo qual passam.

O objetivo principal deste estudo é a participação espontânea de crianças em atividades envolvendo o uso da fotografia em seu ambiente escolar, onde, através da câmera fotográfica - ao mesmo tempo em que se divertem e sentem prazer no que fazem – podem desvelar formas de olhar/perceber seus entornos. Ao mesmo tempo em que constroem o conhecimento sensível advindo da experiência estética ao fornecer - com suas expressões significativas possibilidades de (re) construção do conhecimento em Educação Infantil- ajudam a compreender os processos de nessa faixa etária.

A fotografia pode revelar dados significativos muitas vezes ocultos, imperceptíveis ao olhar, é ferramenta indispensável, repleta de significados de grande valor, diz Dubois (2007:25). Ao relacionar imagem e realidade, a foto vira uma espécie de “prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo

<sup>1</sup> Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação – Educação Infantil, Faculdade de Educação, UFPel - Rua Coronel Alberto Rosa, nº 154, Centro, Pelotas, RS. [betep\\_oliver@yahoo.com.br](mailto:betep_oliver@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação – Educação Infantil, Faculdade de Educação - NUTREE/ Depto Ensino- FaE-U– UFPel . [mirelameira@gmail.com](mailto:mirelameira@gmail.com)

que mostra”. E pode ir além, revela Sontag (2004:172), ao lembrar que algo fotografado torna-se “parte de um sistema de informação”. Pode assim adquirir pretensões artística ou simplesmente de registro, informação, álbum de família, mas, de qualquer forma, presente e necessária, dando *sentido* ao que se fotografa. Utilizá-la com crianças envolve, além disso, atenção, compreensão, sensibilidade, estratégias adequadas, atenção, tempo, dedicação, paciência e principalmente, cuidado de não intervir nas ações, pois como revela Delgado (2005:353), considerar seu ponto de vista “exige certo abandono do olhar centrado no ponto de vista do adulto”.

É importantíssimo, portanto, considerar e valorizar o que as crianças têm a nos dizer sobre sua própria escola e sobre a leitura de mundo. Manoel de Barros (1996:75) nos auxilia nessa tarefa ao anunciar o termo “transver” - que pode ser adulterado poeticamente para “transler” – para designar o que as crianças, em idade pré-escolar, fazem com naturalidade. Diz o poeta:

*Arte não tem pensa:  
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo.  
Isso seja:  
Deus deu a forma. Os artistas desformam.  
É preciso deformar o mundo.*

Enfim, foi para tornar as crianças “autoras” de suas falas, participantes de seu entorno, através de uma linguagem e de um espaço onde pudessem se expressar livremente - independente da opinião ou presença de um adulto – que esse trabalho foi pensado. Dessa forma, acredita-se em contribuir para o seu desenvolvimento cognitivo, sensível e ético, na medida em que ajuda-nos a compreender melhor e com mais seriedade suas necessidades e desejos.

## **2. METODOLOGIA**

Metodologicamente, para saber como e o que vêem, pensam e sentem essas crianças em seu ambiente escolar, foi realizado um estudo de caso específico envolvendo uma turma de “Pré B” com dez alunos - seis meninas e quatro meninos -, na faixa etária de seis anos. O caráter desse estudo é qualitativo, localiza-se no âmbito preferencialmente estético -ao tentar responder questões que não se pode ou não se quer quantificar- pois inclui sentidos, valores e sensibilidade no processo de aprofundamento do assunto. Para obter tais informações, foram cruzados dados de fontes escritas, imagéticas e orais através de estudos de casos no ambiente escolar mesmo. Entrevistas abertas, registro fotográfico, anotações diárias e registro de relatos durante as sessões de fotos registraram falas, sentimentos, sensações, emoções e aspirações.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O que guiou o caminho foi o quê e como as crianças vêem e poderiam demonstrar de seu cotidiano escolar, e as percepções de mundo a ele relacionadas, através do uso da câmera fotográfica digital com total liberdade de escolha para fotografar o que julgassem importante - ou mais despertasse sua atenção no espaço

escolar; Foi evitada a interferência do adulto, apenas um orientador quanto ao manuseio do equipamento e eventuais dúvidas.

O trabalho se iniciou no contato com as crianças em sala de aula em conjunto com as professoras, para que se familiarizem com minha presença. Levantou-se as dificuldades/facilidades prováveis quanto ao uso e contato -ou não- com imagens fotográficas, câmera digital, convencional ou celular com câmera. Após, demonstrou-se procedimentos básicos para a utilização da câmera digital em *ensaios* no qual a manusearam, recebendo dicas de enquadramento, condições de luz, foco etc., Depois, entregou-se uma câmera fotográfica por um determinado período, no qual realizariam seus registros dentro do cenário escolar e de acordo com sua vontade. Assim que todos conseguissem fotografar o desejado, as fotos seriam repassadas para um *CD Rom* e analisadas no computador da escola, em companhia das mesmas.

Nos primeiros encontros, foi proporcionado um contato com algumas fotos do meu álbum contendo imagens de animais, crianças e plantas, como forma de estímulo para que direcionassem o olhar para o elemento fotografado e, ao mesmo tempo, pudessem comentar e admirar as imagens.

O momento de fotografar o que desejassem foi bastante marcante: agitação, confusão, a ponto de um sorteio ser o único consenso possível. Todos queriam ser o primeiro a fotografar, ou porque “estavam quietinhos”, ou “-Assim não vale!”, ou “-Porque tem que ser escolhido sempre quem está com a boca fechada?”, ou “-Fulano incomoda muito, tem que ser o último”. Ansiosos por sua vez, comentavam o que iam fotografar e observavam seu colega fotografando, pois já freqüentavam a sala há meses e conheciam o que lhe agradavam ou não. Após, partimos para o pátio e outras dependências da escola, onde novamente tumulto e novo sorteio precederam o acordo de formar cinco duplas em ordem crescente para que cada um fotografasse quatro vezes. Não demonstraram em momento nenhum dificuldades para manusear a câmera, pelo contrário. Embora algumas nem conseguissem equilibrar a câmera, rapidamente dominaram seu manuseio, melhor até mesmo que muitos adultos.

No dia seguinte, foram mostradas as imagens impressas, para que percebessem o que realizaram e fossem incentivados à próxima etapa, o momento de análise das fotos no computador. Foi marcante esta seleção, onde cada um participou na escolha das imagens dando sua opinião e comentando-as para que pudessem ser expostas.

#### **4. CONCLUSÕES**

O trabalho realizado voltou-se à livre escolha do objeto a ser fotografado sem a interferência adulta, o que permite inferir o quanto foi importante valorizar o que as crianças têm a nos dizer sobre sua própria escola. Entender o processo de escolarização por meio das próprias criações pode tornar o ensino mais significativo, eficaz e prazeroso não só para os alunos, mas também para os educadores.

Através da máquina fotográfica, descobriu-se a possibilidade de diversão, criação, jogo, aprendizagem e revelação de fatos, idéias, histórias, elementos significativos na construção do conhecimento em Arte na Educação Infantil.

As possíveis contribuições para o ambiente escolar e Educação Infantil deram-se no sentido de perceber a importância de estimular a imaginação e combater a lógica escolar que “impõe “atividades” modeladoras de uma realidade pré-nomeada”, como

lembra Richter (2006)<sup>3</sup>. Porque, “entre a lógica discursiva da palavra que explica e descreve um mundo já dado” há uma “naturalização” da imaginação”, que “desconsidera a dimensão poética das realizações infantis através de imagens plásticas enquanto formação ética e estética de existência coletiva”.

A partir dessas afirmações, essa dimensão poética, aqui nomeada de “transver” permite ver além do que a lógica do adulto vê, e entender o quanto as crianças são criativas e aliadas no descobrimento e compreensão do universo infantil. Através delas podemos construir melhores significados, mais reais, para uma infância com mais prazer e alegria, ouvindo, respeitando e valorizando suas ações e manifestações, levando em conta o contexto no qual estão inseridas. Assim, quiçá se possa propor novas formas de atendimento, “organizado para que as crianças possam ser mais felizes e atendidas a partir de um processo educativo de qualidade”, lembra Silveira (2004:2) ao mencionar que “saber como as crianças vêem a escola talvez possa nos ajudar na tarefa de pensarmos em melhorias nas instituições”.

Outra das considerações que aqui ficam é o quanto, ao fazer pesquisas relacionadas com crianças, a demanda é que estas tornem-se essencialmente membros ativos, e não passivos, participando como atores, e não “objetos de pesquisa”. Porque dar-lhes voz, escutá-las, “transvê-las”, é respeitá-las em suas manifestações e vontades mais profundas. É atender a seus “apelos de ser criador”, em última instância, para Ostrower (1983) o fundamental papel da arte na educação. Além disso, realiza o que Freinet (2001) deixa claro, que a cooperação entre os indivíduos é fundamental, seja entre crianças ou adultos, pois não vivemos isolados.

O exercício de cooperação e de amor é, portanto, um ensino e aprendizagem inquestionável na vida de qualquer ser humano.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. **Livro Sobre Nada**. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record,1996.
- DELGADO, Ana Cristina Coll. *O que nós adultos sabemos sobre infâncias, crianças e suas culturas?* **Revista Espaço Acadêmico** – Nº 34 Março de 2004. Mensal – ISSN 1519.6186.
- DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. 10.ed. Campinas-SP: Papirus, 2007.
- FREINET, Célestin. **Aprenda com eles e ensine melhor**. Nova Escola. São Paulo: nº. 139, Jan./fev. p. 21, 2001.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- RICHTER, Sandra. **Educação**. **Revista Eletrônica**. Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Laboratório de Pesquisa e Documentação - LAPEDOC,
- SILVEIRA, Débora de Barros. **A ESCOLA NA VISÃO DAS CRIANÇAS**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/po74.pdf>> Acesso em: 5 de maio de 2008 às 19h57m.
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Cia das Letras,1973.

---

<sup>3</sup> **Educação**. Revista Eletrônica. UFSM, LAPEDOC, Vol.32.n.02, p.01.